

Sobre a Melancolia

Clara Pracana, Ana Almeida

A Diogo Seixas Lopes

In memoriam

*Em tormentos cruéis, tal sofrimento,
em tão contínua dor, que nunca aliva,
chamar a morte sempre, e que ela, altiva,
se ria dos meus rogos, no tormento!*

Francisco Sá de Miranda (1481-1558).

HISTÓRIA DO CONCEITO

A melancolia como quadro patológico apresenta múltiplos efeitos deletérios, empobrecedores, desvitalizantes, auto-destrutivos e que podem mesmo levar à morte. No *Manuel de Psychiatrie*, Ey, Bernard e Brisset (1989), definem a condição melancólica da seguinte forma:

A crise de melancolia [...] é um estado de depressão intenso, vivido com um sentimento de grave dor moral e caracterizado pela lentificação e inibição das funções psíquicas e psico-motrizas. É a forma maior de depressão. É frequentemente periódica e alternada, ou não, com a mania (p.171).

Trata-se, como diz Julia Kristeva (1987), de uma dor incomunicável, iluminada por um ‘sol negro’. É um estado de desânimo, prostração, desinteresse pelo mundo exterior, sentimento de perda, incapacidade no estabelecimento de laços afetivos, péssima opinião de si próprio, auto-recriminação, desejo de castigo e exibição do próprio estado. A compreensão deste quadro patológico permaneceu sincrética e inerentemente ligada ao *Zeitgeist* de cada época. Hipócrates, o Pai da Medicina, atribuía, no século IV a. C., a melancolia ao excesso daquilo a que chamava ‘bílís negra’ e que está na origem da palavra em grego: μέλαινα χολή, *melaina cole*. Para Hipócrates, seriam quatro os humores que determinariam o nosso estado físico e mental: o sangue, a bÍlis amarela, a bÍlis negra (segregada pelo baço) e a fleuma. Estes humores dependeriam da dieta e do clima, entre outros fatores, como os astros. Ligados ao outono e a Saturno, os melancólicos sofreriam de excesso da bÍlis negra, seca e fria. Na teologia de São Tomas de Aquino, o quadro melancólico foi designado de *acédia*, do latim *accidia*, que significa tanto ansiedade como desgosto e associado negativamente à preguiça, espiritual ou física, um dos sete pecados capitais. Mas foi apenas no século 17, em 1621, que Robert Burton publicou a primeira e renomada obra especificamente devotada ao assunto, *The Anatomy of Melancholy*, afirmando que escreveu sobre a melancolia precisamente como um modo de a evitar, distinguindo entre a melancolia transitória e o hábito melancólico:

A melancolia pode ser uma disposição ou um hábito. Na disposição, trata-se de uma melancolia transitória que vai e vem, em ocasiões de dor, falta, doença, problemas, medo, desgosto, paixão, ou perturbação do espírito [...]. A melancolia de que iremos tratar é um hábito, um humor instalado, muito difícil de remover (Burton, 2004, p.26).

A capa da edição do livro de Burton de que dispomos reproduz a célebre gravura de Dührer, intitulada *Melencolia I*, na qual um anjo de negras asas, rodeado de símbolos maçónicos, olha ‘para dentro’.

Repare-se no paralelo interessante entre esta a gravura e a forma como, mais uma vez, o comportamento do melancólico é representado no *Manuel de Psychiatrie*:

O melancólico está sentado, imóvel, o corpo dobrado, a cabeça inclinada; o seu rosto está pálido e com a máscara da tristeza, os traços descaídos, os olhos bem abertos, o olhar fixo, a testa enrugada (ómega melancólico), os sobrolhos

franzidos; o doente, vergado, não fala, geme ou chora (Ey, Bernard & Brisset, 1989, p.173)

Ilustração 1 - *Melencolia I*, 1514. Albrecht Dürer.

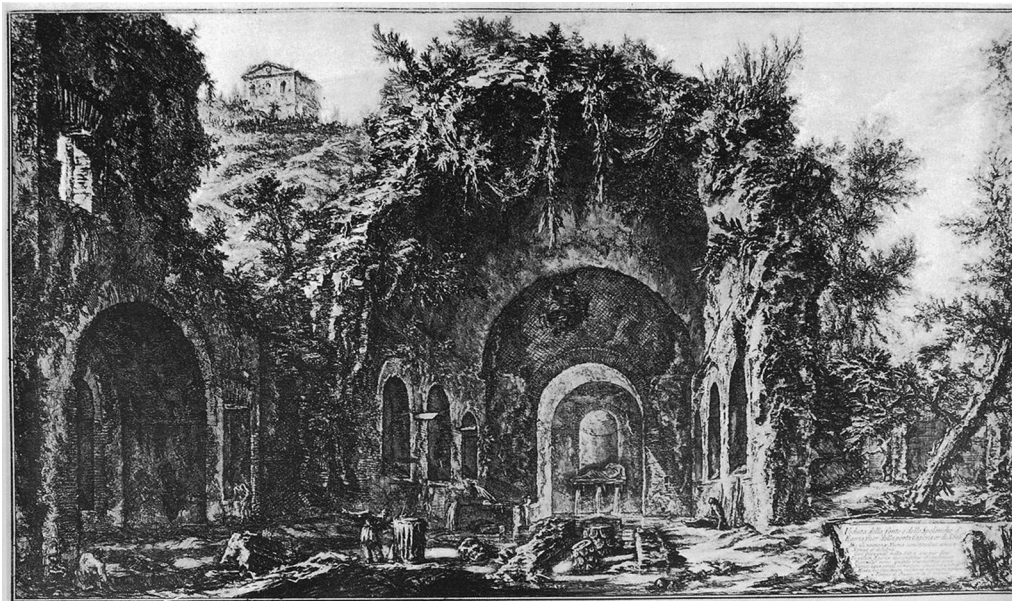


Robert Burton chamou à melancolia, simultaneamente, uma terrível aflição e uma benção paradoxal. Na verdade, curiosamente, desde sempre se atribuiu ao carácter melancólico um toque de genialidade, uma idiossincrasia própria do poeta, um excesso próprio de alguém muito inteligente, consumido pelo seu próprio Eu. Em versos, imagens, sombras, cores ou desenhos, os escritores, poetas e artistas têm vindo persistentemente a espantar a sombra desse sol negro que tolhe a vida, mas estimula a mente.

Quem quiser aceder à história da melancolia através dos séculos tem um excelente início no livro do jovem arquiteto Diogo Seixas Lopes, prematuramente desaparecido em 2016. Partindo da obra de Aldo Rossi, Seixas Lopes desenvolve o tema da melancolia na arquitetura (Lopes, 2015). Para isso, recorre a diferentes ilustrações, algumas das quais são aqui reproduzidas, comunicando, de forma significativa, o sentimento pesado e enclausurante que marca a melancolia.

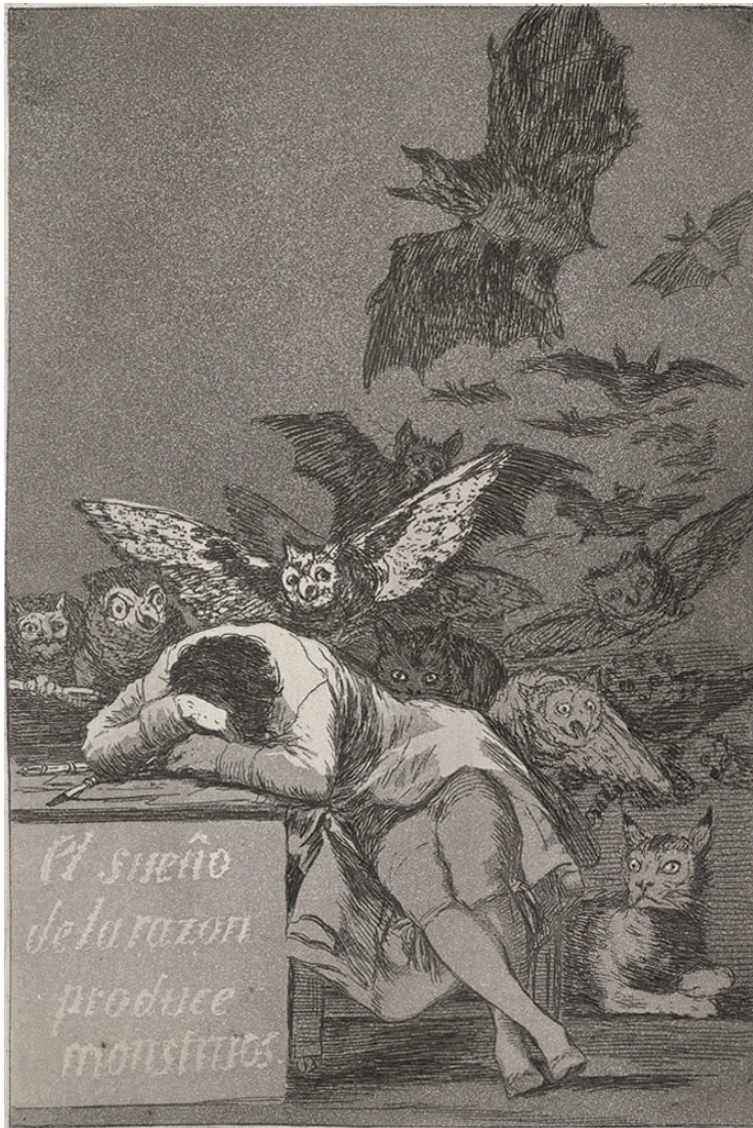
Por ordem cronológica, e já depois de Dührer acima referido, as gravuras de ruínas, sobretudo de Roma, elaboradas por Giovanni Battista Piranesi (1720-1778), são um proverbial exemplo:

Ilustração 2 - Roma, *Campo de Marte*. Giovanni Battista Piranesi



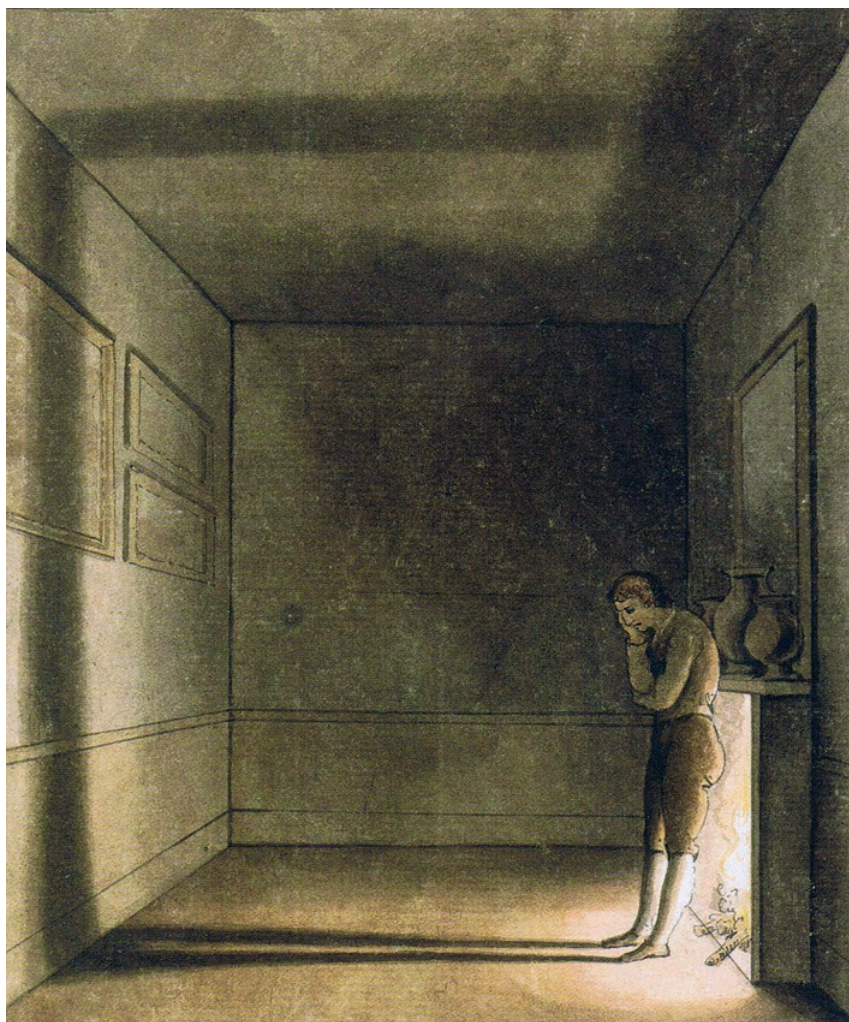
De igual modo, um conhecido quadro de Francisco Goya (1746 - 1828), intitulado *O Sono da razão produz monstros*, apresenta uma poderosa evocação do irracional. Baudelaire (1821-1867), o icónico poeta de *Fleurs du Mal*, viria a referir-se a esta pintura como ‘um lúgubre sonho de obscuras vertigens’:

Ilustração 3 - *El sueño de la razón produce monstruos*, 1799, Francisco de Goya



Além disso, Seixas Lopes chama igualmente a atenção para uma aguarela do pintor alemão Johann Tischbein (1751-1829), representando uma divisão escassamente iluminada, na qual se encontra um homem de pé, junto a uma lareira e a um espelho. Cabeça apoiada num dos braços, o homem parece que se espalha pelo compartimento, conforme o fogo atrás dele projeta a sombra do seu corpo (Lopes 2015, p.56). Designada *A Longa sombra*, a aguarela evoca o sentimento de perda de algo, ou mesmo de si próprio, tão fundamentalmente característico da melancolia.

Ilustração 4 - *A longa sombra* (*Der lange Schatten*), 1805, Johann H.W. Tischbein



Por último, a reprodução de um quadro do pintor norueguês Edvard Munch (1863-1944), de 1891, precisamente intitulado *Melancolia*, que representa um homem à beira mar, numa situação reflexiva, pousando o rosto numa mão e observando o movimento das águas e os reflexos da lua, como uma tensão profunda sob a aparência de uma grande paz.

Ilustração 5 - *Melancolia (Melankoli)*, 1891, Edvard Munch.



Veremos, de seguida, como a psicanálise tem tratado a questão da condição melancólica.

MELANCOLIA E PSICANÁLISE

No texto seminal *Luto e Melancolia*, publicado em 1917, Freud engloba as depressões endógenas, as psicoses maniaco-depressivas e as ciclotimias, mas é muito claro quanto à flutuação da designação e mesmo quanto ao seu âmbito. No início, começa por comparar a melancolia com o luto. Ambos têm em comum a perda de

uma pessoa querida, de um sentimento de pertença, ou mesmo de um ideal caro ao indivíduo.

Assim, para o mesmo acontecimento exterior, a reação pode ser o luto dito normal, ou algo de mais patológico que incluiria a melancolia. Se quisermos uma definição sucinta, a melancolia corresponde à incapacidade de fazer o luto, de lidar com uma perda. Para Freud, os aspetos que caracterizam este estado patológico são: desanimo profundo e doloroso; desinteresse pelo mundo lá fora; perda da capacidade de amar; inibição de qualquer atividade; auto-depreciação; auto-recriminação; desejo de castigo. Todos estes sintomas podem aparecer também no processo de luto normal, exceto a auto-desvalorização que é um traço típico da melancolia.

A perda na melancolia pode estar relacionada não só com uma morte, ou a perda do amor do objeto, mas também com a perda de algo abstrato, como um ideal. Por vezes, nem a própria pessoa sabe o que perdeu e a que se deve a melancolia, porque a perda do objeto nem sempre é consciente. O que, então, pergunta Freud, absorve aquela pessoa tão inteiramente? No luto, pelo contrário, o indivíduo sabe exatamente o que perdeu.

A questão é que, na melancolia, a libido retrai-se sobre um mundo fantasmático e sobre o Eu. Há um empobrecimento do Eu que parece esvaziado. O melancólico auto-recrimina-se, por vezes de forma quase exibicionista. Frequentemente, têm lugar distúrbios alimentares e de sono, quase como se o instinto de sobrevivência desaparecesse. O objeto desaparecido parece, afinal, ocupar totalmente o Ego e ser ele o objeto de incessantes recriminações e acusações: 'a sombra do objeto caiu sobre o Ego' (Freud, 1981/1917, p.249).

De igual modo, Freud afirma que a melancolia se caracteriza por uma marcada ambivalência. A perda do objeto não implica apenas a perda literal do objeto, como no luto, mas também um conflito inconsciente entre duas forças que trabalham em sentidos opostos, no que respeita à libido. Com a instalação da melancolia, este conflito torna-se consciente, passando a ser um conflito entre o Eu e o Supereu. A culpa recriminatória do melancólico expressa não só este movimento de regressão da libido, mas também a ferida narcísica que fica assim exposta (Freud, 1981/1917, pp.257 e 258).

Como bem notou Amaral Dias, no seu texto sobre o *Luto e Melancolia* de Freud, a questão da identificação narcísica ao objeto, precedendo o investimento libidinal, é essencial à compreensão do processo melancólico (Dias, 2000, p.182). É esta a razão

que leva Freud a utilizar o modelo canibalístico de Abraham que é, como aponta Amaral Dias, o mais narcisista dos modelos identificatórios.

Assim, o processo melancólico exige três condições: a perda do objeto, a ambivalência e a regressão da libido ao Eu. É esta última condição que mais distinguirá o processo melancólico do luto, mesmo que patológico, uma vez que a ambivalência, por si só, não a distingue. Por outras palavras, a melancolia, vista como uma depressão profunda, é sobretudo uma depressão narcísica. Neste sentido, Amaral Dias (Dias, 2000, p.186) sublinha que existe uma indiferenciação entre o investimento objetal e o investimento no Eu; de tal forma que Freud chega a interrogar-se se não poderá bastar uma perda no Eu para que se instale um quadro melancólico. Tudo se poderia passar, portanto, entre o sujeito e ele próprio, ao nível de um fantasma inconsciente.

Estas considerações fazem também pensar na descrição de Pasche acerca da *depressão de inferioridade*, sobretudo no que respeita à desvalorização de si próprio, auto-depreciação dolorosa, sentimentos de carência, insuficiência, impotência, astenia, anestesia e de incapacidade (Pasche, 1969, p.182). Este autor, no entanto, sublinha a culpa *inconsciente* do sujeito neste tipo de depressão, o que parece um pouco contraditório com a culpa exibida do melancólico. Mas será que se trata mesmo de culpa? Não se tratará de vergonha, esse outro afeto menos elaborado, pré-edípico, ligado ao narcisismo e ao Eu Ideal? (ver Pracana, 2008, sobre a questão da vergonha vs culpa). Além disso, Pasche fala de um Ideal do Eu megalomaniáco (p.187) e regressivo (p. 193), mas também, um pouco mais adiante, de uma imago parental divinizada que teria sido recalçada sob a forma de Eu Ideal. Neste caso, a depressão teria um *leito narcísico* (p.195). Em qualquer caso, como sabemos, a (in) diferenciação entre os três conceitos, Supereu, Ideal do Eu e Eu Ideal, reflete, por vezes, deslizes semânticos e varia bastante de autor para autor, a começar com o próprio Freud.

Neste sentido, Amaral Dias afirma que a melancolia pode ser vista de acordo com dois vértices: a teoria do narcisismo e a teoria da identificação projetiva ao objeto interno (Dias, 2000, p.190). De fato, um dos mistérios associados à melancolia é a relação com a dor mental. Na melancolia, observamos uma apetência da mente para procurar a dor mental e nela se instalar. Bion ensina a importância fulcral da tolerância à dor mental, como forma de ativar o aparelho para pensar os pensamentos e, dessa forma, evitar a utilização excessiva da identificação projetiva. No entanto, a melancolia parece, numa leitura mais superficial, contradizer este princípio do fun-

cionamento mental preconizado por Bion. Mais do que tolerância à frustração, o melancólico parece ter uma espécie de *filia* em relação à dor mental, quase um vício e um aprisionamento ao sofrimento, procurando o sofrimento não numa relação de tolerância que pressiona à modificação, mas num benefício que se expressa por si só. O sofrimento parece ser um fim em si mesmo.

Neste sentido, Amaral Dias afirma a importância de se desenvolver uma teoria abrangente sobre a dor, referindo que Bion foi um dos poucos autores que se debruçou sobre esta questão. Bion, no entanto, não chegou a trabalhar propriamente a questão da melancolia e da sua relação viciante com a dor. Assim, a observação e o estudo clínico de pessoas que sofrem de melancolia parece apontar no sentido de o excesso de dor ser tão eficaz a bloquear o aparelho de pensar pensamentos, como a intolerância à dor. O melancólico entorpece de dor e bloqueia o contato com a realidade. Ou seja, fecha-se em si mesmo, num delírio autodestrutivo, no qual a imagem de si é deformada até corresponder à condição de estar permanentemente a derramar sofrimento sobre a mente e a afundar-se numa imobilidade absoluta.

Consequentemente, o melancólico desativa o seu aparelho para pensar os pensamentos e intensifica a atividade da identificação projetiva. O problema é que, neste caso, a identificação projetiva é mais uma identificação introjetiva. Mais do que projetar sobre a realidade externa, como faz o paranóide, o melancólico projeta sobre a realidade interna e introjeta objetos deformantes que se prestam ao objetivo final e único: imobilizar o aparelho psíquico num sistema circular estéril.

Assim, como anteriormente referido, o problema do melancólico estaria na perda de um objeto narcísico, quer seja um objeto externo narcisicamente investido e sobre o qual a identificação projetiva age anulando a diferenciação eu/outro, quer se trate da perda de uma imagem de nós mesmos igualmente investida narcisicamente. A este propósito, Amaral Dias escreve: ‘O que é perdido não é o amor do objeto, é a relação narcísica – o sentimento narcisista – algo que tem a ver com uma espécie de ideal de si que está omnipresente nesta questão.’ (Dias, 2000, p.187).

Se recolocarmos a questão sobre a dor, então, podemos pensar que se tratará de uma dor narcísica de alto impacto, bloqueando o aparelho mental e intensificando a utilização patológica da identificação projetiva e introjetiva. Neste sentido, parece-nos que o evitamento da dor mental – tal como descrito por Bion – tem o poder, como foi dito, de bloquear a atividade do aparelho para pensar os pensamentos. O excesso de dor mental tem igual poder. De uma e de outra forma, assistimos a uma

perda de contacto com o real, ou propriamente à negação do real, e ao desenvolvimento de convicções delirantes, deformadas e fanáticas que substituem a capacidade de investigar, explorar e aceitar a realidade.

CONCLUSÃO

De um ponto de vista fenomenológico, é difícil distinguir a melancolia de uma depressão maior ou de um luto patológico. No entanto, a melancolia apresenta também uma relação com o narcisismo que aqueles outros dois processos não possuem. A perda, na melancolia, é uma perda narcísica, seja de um objeto, ou de uma parte do sujeito, conforme a auto-estima é gravemente atingida, desencadeando, de modo frequente, desenvolvimentos auto-destrutivos preocupantes. Ao longo dos séculos, artistas e pensadores privilegiaram um ou outro aspeto da melancolia, muitas vezes pretendendo reconhecer uma conexão do estado de melancolia com inteligência e genialidade criativa. A verdade, porém, é que a melancolia nem sempre vem associada à genialidade e à inteligência fecunda. Muitas vezes, e por oposição à mania, consiste numa apatia estéril e auto-destrutiva que pode pôr em perigo o próprio Eu.

REFERÊNCIAS

- Burton, R. (2004). *The anatomy of melancholy. A selection*. Ed. by K. Jackson. Manchester: Fyfieldbooks.
- Dias, C. Amaral (2000). Luto e melancolia. In *Freud para além de Freud*, 1º volume (pp.181-214). Lisboa: Climepsi.
- Ey, H., Bernard P., & Brisset, Ch. (1989). *Manuel de Psychiatrie*. Paris: Masson.
- Freud, S. (1917/1981). Mourning and melancholia. In J. Strachey (Ed. and Trans.), *The standard edition of the complete works of Sigmund Freud, SE* (Vol. 14, pp. 243-258). London: Hogarth Press

Kristeva, J. (1987). *Soleil noir. Depression et mélancolie*. Paris: Gallimard.

Lopes, D. Seixas (2015). *Melancholy and architecture: On Aldo Rossi*. Zurich: Park Books.

Pasche, F. (1969). *À partir de Freud*. Paris: Payot.

Pracana, C. (2008). *Felix culpa: Ensaio sobre a culpa e a civilização*. Lisboa: OVNI.

Clara Pracana, PhD.
Psicanalista titular.

Ana Almeida, MSc.
Psicanalista titular.

Resumo / Abstract

Sobre a Melancolia

A melancolia é relacionada com a depressão profunda e o luto patológico, mas apresenta também uma relação com o narcisismo que os outros dois processos não possuem. A perda, na melancolia, é uma perda narcísica, seja de um objeto, ou de uma parte do sujeito, conforme a auto-estima é gravemente atingida, desencadeando, de modo frequente, desenvolvimentos auto-destrutivos preocupantes. Ao longo dos séculos, artistas e pensadores privilegiaram um ou outro aspecto da melancolia, muitas vezes pretendendo reconhecer uma conexão do estado de melancolia com inteligência e genialidade criativa. A verdade, porém, é que a melancolia nem sempre vem associada à genialidade e à inteligência fecunda. Muitas vezes, e por oposição à mania, consiste numa apatia estéril e auto-destrutiva que pode pôr em perigo o próprio Eu.

Palavras-chave: Melancolia, luto, psicanálise, narcisismo, criação artística.

On Melancholy

Melancholy is related to deep depression and pathological mourning, but it also has a relation to narcissism which is absent in the depression and mourning processes. Loss in melancholy is a narcissistic one, whether of an object or of a part of the subject, as self-esteem is gravely hit, unleashing, in a frequent way, preoccupying self-destructive developments. Over the centuries, artists and thinkers favoured one aspect or another of melancholy, often intending to recognize a connection of the state of melancholy with intelligence and creative geniality. The truth, however is that melancholy is not always associated to geniality and fecund intelligence. Often, as opposed to mania, it consists in a sterile and self-destructive apathy which may endanger the Ego itself.

Keywords: Melancholy, mourning, psychoanalysis, narcissism, artistic creation.